

## **O ENSINO DA GRAMÁTICA TRADICIONAL: UMA EXPERIÊNCIA EMPÍRICA DE ESTÁGIO**

Mayara Cristina Aparecido Santos  
Vanessa Gomes Schineither

**RESUMO:** O ensino da gramática nas escolas públicas é um assunto em voga nos principais cursos de licenciatura principalmente em letras, mas também em outras disciplinas. O distanciamento entre o português tradicional e a realidade linguística do aluno é um dos principais responsáveis pela dificuldade do ensino e aprendizagem. O resultado disso é a rejeição do aluno frente a disciplina de português e a intranquilidade dos professores no que se refere ao ensino da gramática tradicional. Buscando levantar algumas questões sobre os temas supracitados, evidenciaremos como o ensino da gramática tradicional vem sendo tratado nas escolas, sob as perspectivas dos alunos e professores, além disso, veremos como o livro didático pode contribuir (ou não) com essa aprendizagem. Para isso, serão analisadas duas turmas do ensino fundamental em aulas de gramática tradicional no estudo de verbos e advérbio, buscamos informações por meio de entrevistas com professores e questionário para alunos. A experiência ocorreu durante o estágio supervisionado do Curso de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina, provando-nos que este é o principal viés de como a universidade lida com esses embates, tendo por enfoque detectar como as novas teorias vêm tratando essas problemáticas.

### **1. Introdução**

O percurso histórico da língua portuguesa serviu para consolidar o distanciamento entre a norma culta e as diversas variações linguísticas presentes no Brasil contemporâneo. Esse distanciamento fica cada vez mais evidente nas escolas públicas em regiões periféricas, cujo dialeto difere-se dos padrões impostos pela norma culta.

Segundo o PCN (1998), mesmo adotando uma didática voltada para a produção e interpretação de texto não é justificado tratar o ensino da gramática desprezado das práticas da linguagem. O ensino descontextualizado torna a linguagem emblemática, distante da realidade do aluno e não funcional longe do contexto escolar.

Todavia, nem sempre isso é transferido para as salas de aula. Ainda há ensino da gramática que implica em conhecer as nomenclaturas, as divisões e subdivisões das classes de palavras e suas terminologias.

Surgem então perguntas como: Por que as escolas não se atualizam? As estratégias adotadas pelos professores são boas? O livro didático auxilia, ou são necessários outros materiais de apoio? Afinal como ensinar a gramática nas escolas?

Compreendemos que o problema em questão não é atual, e que muitos outros fatores também entram em jogo quando se trata de ensinar gramática. Além disso, um estudo apenas seria insuficiente para sanar um problema que provém de anos de práticas pedagógicas incorretas. Ainda assim, procuraremos levantar algumas hipóteses, buscando possíveis respostas para algumas destas questões. O presente trabalho visa elencar as dificuldades enfrentadas por alunos e professores frente ao ensino de gramática, sua importância, e o seu distanciamento da realidade linguística do aluno por meio de uma análise realizada em duas escolas públicas, uma na cidade de Cambé (1), Antônio Raminelli, e outra da cidade de Londrina, Colégio Estadual Albino Feijó Sanches (2), ambas no Paraná.

Tomando por base o ensino das classes gramaticais, em especial as classes dos verbos e advérbios, por meio das perspectivas dos professores e as opiniões dos alunos do 8º. e 9º. anos do ensino fundamental, buscaremos levantar questões sobre a abordagem adotadas nas escolas, frente às dificuldades que o ensino da gramática tradicional acarreta.

## **2. Materiais e métodos**

A metodologia defendida nesse trabalho procura contextualizar o ensino da gramática tradicional a fim de que o aluno possa estabelecer relações entre o estudo da GT (gramática tradicional) e sua própria habilidade linguística, compreendendo as funções da linguagem e adotando o conhecimento proporcionado pela sua visão funcionalista, lançando mão desses conhecimentos no ato da produção e interpretação textual.

Para isso, utilizamos o funcionalismo de Neves (1994), que trará os conceitos de Jakobson sobre as funções da linguagem que nortearão as atividades desenvolvidas nas escolas. Segundo a autora, a teoria funcionalista é essencial para a compreensão da linguagem pois:

[...] distingue o sistema da língua e o uso da língua, mas evita estudar cada um deles fazendo abstração do outro. A forma dos enunciados não é entendida, pois, independentemente de sua função: uma descrição completa inclui referência ao falante, ao ouvinte e a seus papéis e estatuto dentro da situação de interação determinada socioculturalmente. (NEVES, 1994:120)

Segundo o PCN (1998), nas sociedades letradas existe a tendência de tomarem regras para o sistema da escrita como correção e nomeação das formas linguísticas, sistematizando a

língua, o que, por sua vez, distancia-se da linguagem falada, que é o reflexo da fluidez do falante, e que, portanto, distancia-se da primeira.

Embora haja uma língua nacional, o Brasil é um país amplo e repleto de variedades linguísticas (diferenças de pronúncias, empregos de palavras, e organizações sintáticas) que identificam o falante de uma comunidade. As variações são o reflexo de nossa diversa realidade cultural. A escola deve levar em conta esses fatores para elaborar suas práticas pedagógicas.

Ensinar o aluno a linguagem oral, entretanto é, de certo modo, inútil, visto que ele já domina sua variedade específica. E por outro lado, compreender a norma culta como gramática de prestígio acentua o distanciamento e desvaloriza a variação que identifica o aluno e sua realidade. E isso dificulta seu aprendizado. Deve haver, portanto um elo entre esses dois polos, visando-os não como opostos, mas sim como complementares.

Sendo assim, os materiais selecionados para as análises do presente artigo são basicamente divididos em dois principais blocos: a parte que corresponde à docência e a parte que corresponde à discência.

Neste primeiro grupo incluem-se dois principais condutores: Os professores das escolas públicas – através de depoimentos e posturas adotadas diante das dificuldades encontradas.

Neste segundo grupo, relacionado à parte da discência, teremos a visão dos alunos por meio dos depoimentos recolhidos e das atividades aplicadas que servirão como parâmetro para analisarmos a compreensão e opinião deles perante a matéria proposta.

### **3. Ensino dos verbos imperativos**

Na experiência de estágio na escola 01, Antonio Raminelli, em Cambé, propomos o ensino dos verbos no imperativo, seguindo a teoria funcionalista de Jakobson. Esse estudo, como já mencionado, visa analisar a linguagem de acordo com a função que ela desempenha. Esse material encontramos no artigo de Moura Neves (1994) intitulado: “Uma visão da gramática tradicional”.

Para a atividade desenvolvida, foi apresentada a música admirável chip novo da cantora e compositora Pitty que é uma intertextualidade com a obra “Admirável mundo novo” de Aldous Huxley. Observemos um trecho da letra:

Pense, fale, compre beba,  
leia, vote, não se esqueça!  
Use, seja, ouça, diga, tenha  
More, gaste, viva!<sup>18</sup>

No trecho acima podemos identificar traços relativos a função da linguagem apelativa que, segundo Neves (1994) tem como principal objetivo persuadir e apelar ao leitor do texto na esperança de que ele realize algum intento. Os verbos imperativos denotam uma ação transmitida que tem por objetivo um convite, um pedido, uma exortação, ordem, comando, etc. Portanto, são elementos linguísticos destaques dentro dessa função, compreendê-los permite que o aluno também compreenda melhor o que está sendo lido, e identifique a intenção que se dá por trás do texto.

As atividades propostas relacionaram-se à organização da música e ao seu objetivo. A música, assim como a obra, trata de uma crítica a um sistema de vida mecanizado, a relação de domínio e ao capitalismo crescente, trazendo uma relação com nossa atualidade. O aluno em contato com essa temática, identifica seu próprio contexto e estabelece relações entre a canção e sua realidade.

As questões elaboradas permitem que os alunos identifiquem o verbo imperativo e também façam uma reflexão sobre a letra da canção, posicionando-se criticamente frente a ela. Também foi observado em sala (o que era já esperado, e mesmo desejado) que nem todos os alunos concordaram com a crítica proposta na letra, rendendo debates que favorecem a reflexão do assunto proposto.

Foi observado pela estagiária, no período de observação, que a turma utilizava primordialmente o livro didático como único material. Não cabe a nós estabelecer críticas sobre a importância do livro didático e seus rendimentos, ou a ausência, nas práticas de ensino. Afirmaremos porém, que somente o livro, como único e inalterável material, usado ano após ano, sem reajustes, sem atualizações, acaba sendo insuficiente no aprendizado, principalmente quando levamos em conta o contexto de nossos jovens cada vez mais expostos a novas mudanças.

---

18 Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/pitty/admiravel-chip-novo.html> Acesso em: 25/10/2018

#### 4. O ensino dos advérbios

Na experiência de estágio na segunda escola, colégio Albino Feijó, na cidade de Londrina, foi utilizado o gênero conto, com o intuito de trabalhar a formação do leitor literário ainda no ensino fundamental. Assim, as aulas de advérbio e adjunto adverbial serviram para instrumentalizar os alunos para tal leitura, considerando a função da classe adverbial para o direcionamento da leitura do texto, marcação das circunstâncias, das ações, relatos e apreciação de valor.

O conto analisado foi “Nós choramos pelo cão tihoso” de Ondjaki que é uma intertextualidade com o conto “Nós matamos o cão tihoso de Luís Bernardo Honwana. O planejamento da aula tinha como intuito trabalhar o contexto histórico, os elementos da narrativa, de intertextualidade, conceito adverbiais e correntes literárias dos ”Autores Moçambicanos”.

Visto que no bimestre anterior os alunos estudaram o conto de “O dia em que explodiu o mabata – bata de Mia Couto, e os conceitos de verbos e figuras de linguagem. Em sequência com a aplicação da regência foram ministradas aulas com o intuito de complementar o estudo de literatura africana.

Foram realizadas leituras e debates entre os alunos a respeito do contexto histórico do conto, uma vez que retrata a “guerra civil de Moçambique” e analisado as palavras e adjuntos adverbiais presentes no conto, além de verificar as variações do Português brasileiro e angolano como: “Alcunha” que significa apelido no português brasileiro. E corresponde com o conto, pois os personagens são retratados por apelidos como: Jacó o personagem principal, a barata da Sibéria, Joana voa- voa, E – tê, Cão tihoso, Serpente, Cabrito, Pacaça, Serpente, Scubidú. Somente a Aina, Rafaela e Isaura são retratadas pelo nome.

O conto realiza uma narrativa em primeira pessoa, a construção textual remete a uma lembrança da época de escola, no qual é possível analisar e interpretar a utilização de locuções adverbiais de tempo. Logo os alunos relacionam o conteúdo gramatical a leitura do poema e suas circunstâncias na interpretação e compreensão.

No entanto, o livro didático utilizado pela turma de 8º não apresenta o texto de maneira contextualizada para o ensino de gramática, ainda traz o pretexto que não é muito efetivo para o aprendizado do aluno. Os exercícios são poucos, as explicações fragmentadas e

não há uma continuidade, são atividades artificiais que não corresponde ao uso da língua em situações reais e de práticas sociais. Só com o estudo do livro didático, o aluno não consegue compreender o porquê de certas estruturas gramaticais.

Como afirma a professora da turma em entrevista:

O livro didático não contribui para o ensino de gramática, é pouco exercício e com informações muito fragmentadas. Nas aulas de língua portuguesa os alunos apresentam grande dificuldade com relação às aulas de gramática, há uma complexidade em relacionar a nomenclatura com o fenômeno linguístico, principalmente de aspectos que se distanciam da variedade linguística utiliza por eles. (Professora da escola 02).

Assim, o livro didático não é o único instrumento base para uma aula, o professor de língua portuguesa acaba estudando e analisando novos métodos para uma aula dinâmica e interativa. O intuito é transmitir o conteúdo de acordo com a realidade social e linguística do aluno. Como afirma Libâneo (2003):

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos, para tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem.

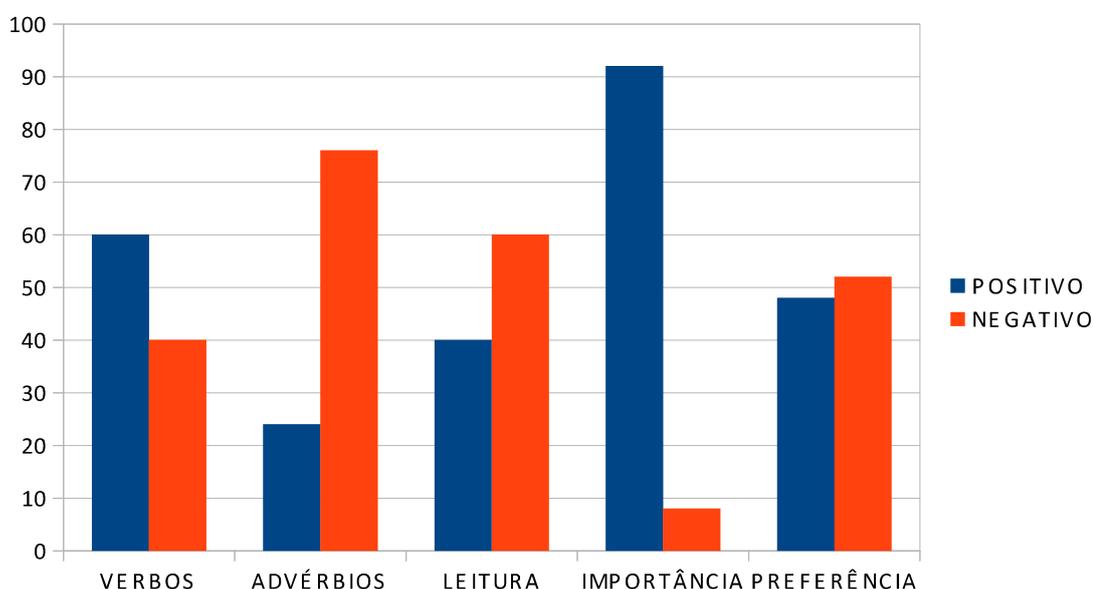
## **5. Corpo discente**

Com base nessas informações, uma entrevista foi realizada com o intuito de compreender a recepção dos alunos quanto ao ensino de advérbio e verbo nas aulas de língua portuguesa. É importante ressaltar que questionário foi aplicado sem a necessidade do aluno se identificar e somente para aqueles que desejam expor suas opiniões.

Na escola 01, foram entrevistados 25 alunos do 9º da turma D. A pesquisa foi feita anonimamente. Perguntamos a eles, no que se refere a gramática, seus conhecimentos de verbo e advérbio, e pedimos que dessem exemplos dos mesmos.

Na parte da leitura, perguntamos se os alunos tinham o costume de ler textos fora da escola. A coluna “importância” que perceberemos no gráfico se refere a importância que o aluno considera que o português tenha para a sua vida. Já a coluna de preferência, refere-se ao gosto do aluno pela disciplina em relação as outras matérias.

O gráfico em questão retrata o resultado da pesquisa realizado com a turma da 9º serie do Colégio Antonio Raminelli em Cambé:



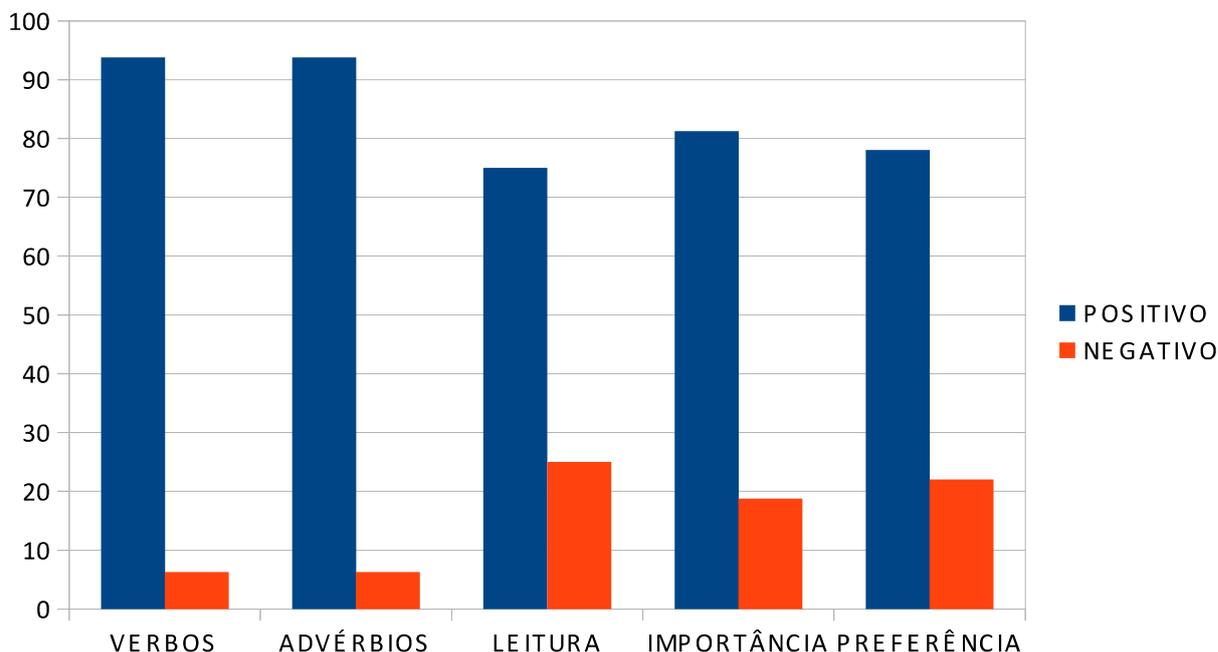
Percebemos com a pesquisa, além da correção das atividades supracitadas, que esses alunos têm certa dificuldade em compreender a gramática, embora considerem importante seu ensino.

A pesquisa nos mostra que muitos ainda não sabem ou não se lembram sobre as classes gramaticais dos verbos, e quando se trata da classe do advérbio o resultado é ainda pior.

Também evidencia-se que os alunos possuem mais preferências por texto fora do âmbito escolar, ou seja, mais próximos de seu contexto. Essas afirmações, embora já esperadas, são importantes para compreendermos a melhor postura a ser adotada no que se refere ao ensino da língua de modo geral.

De um modo geral, embora não gostem da matéria e prefiram outras como inglês, história, educação física, etc, sabem que aprender a língua é primordial para o seu sucesso acadêmico.

Na escola 02 foram entrevistados 32 alunos com as mesmas questões supracitadas. Vejamos o segundo gráfico que apresenta melhores resultados. A figura em questão retrata o resultado da pesquisa realizado com a turma da 8º série do Colégio Albino Feijó Sanches:



A turma reconhece que estudar advérbio é muito importante para compreender as circunstâncias do verbo e a intensificação dos adjetivos na oração. Como destaca o aluno em questão:

A importância de aprender o advérbio é que todas as vezes que observamos uma palavra que modifica o sentido do verbo temos compreensão que é um advérbio, seja ele de tempo, modo, intensidade ou dúvida. ( Aluno 8ºD)

Desse modo, para obter uma compreensão do estudo foram entrevistados trinta e dois alunos da 8º série D com o intuito de obter opiniões dos discentes a respeito do ensino do verbo e advérbio, que demonstra a mesma proporção de interesse por parte deles, pois o estudo de verbo foi realizado no bimestre anterior, portanto o conteúdo estava recente na memória dos alunos. Em decorrência disso, as aulas de advérbio foram mais evolutivas, visto que somente dois alunos da turma não apresentou interesse em relatar seu conhecimento a respeito do assunto.

Como demonstra o gráfico acima o menor número está relacionado a leitura de texto e a identificação das classes gramáticas no momento da leitura e interpretação, sendo que dos trinta e dois alunos entrevistados 24 alunos corresponderam positivamente. Para isso os alunos deveriam ler o poema “Canção do exílio” de Gonçalves Dias e analisar as palavras adverbiais presente no poema, além de ressaltar a capacidade interpretativa no momento da leitura.

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que **aqui** gorjeiam,  
Não gorjeiam como **lá**.

Após o término da atividade os alunos realizaram discussões a respeito das palavras adverbiais presente no poema, que remete a uma interpretação de lugar. Isso contribuiu para discussões a respeito do contexto da época e vida do eu-lírico, assim a turma compreendeu a importância de analisar verbo e advérbio nos textos literários.

No entanto, com o resultado da pesquisa percebemos que os alunos têm uma preferência entre aprender o verbo e advérbio, dos trinta e dois entrevistados, apenas dez demonstram desinteresse em relacionar uma predileção, enquanto que vinte e dois relatam uma preferência entre as duas.

Mas vinte e seis alunos demonstraram interesse e expressaram a suas opiniões a respeito da importância de aprender verbo e advérbio nas aulas de língua portuguesa, como demonstra o aluno na entrevista:

“É importante aprender advérbio para identificar palavra e circunstâncias de tempo e lugar no texto.” (aluno da 8º).

É importante destacar que ensinar a gramática de maneira descontextualizada realiza no aluno um interesse momentâneo do conteúdo, ou seja, memorizar conceitos e regras que não poderá relacionar com o seu contexto social, se aprende o conteúdo somente para avaliações bimestrais.

Desse modo, para complementar o estudo de advérbio e a formação do leitor literário ainda no ensino fundamental, foram comparadas as circunstâncias e locuções adverbiais presentes no poema “Canção do exílio” de Gonçalves Dias e Vozes Mulheres de Conceição Evaristo, como na última estrofe do poema:

**O ontem – o hoje – o agora.**  
Na voz de minha filha  
Se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida – liberdade.

Vozes Mulheres do livro Poemas da recordação e outros movimentos, 2008, de Conceição Evaristo.

O poema destaca a locução adverbial de tempo, no qual remete a uma lembrança ou memória do eu-lírico acerca de seus antepassados. Desse modo, o estudo dos dois poemas contribuiu para uma compreensão da classe adverbial, mas resultou a uma discussão a respeito do sentimento e desejo do eu- lírico: a renovação, nacionalismo e o contexto histórico que ambos ressalta. A comparação entre as duas resultou na diferença de época e escrita, pois a palavra “gorjeiam” que significa “cantar” foi obtida com um sentido muito desconhecido entre os alunos que logo realizaram uma comparação de palavras semanticamente diferente nos poemas.

Sendo assim, as aulas aplicadas na experiência empírica de estágio resultou na compreensão de ensinar gramática relacionada com o contexto social do aluno, ou seja, instigar o discente a capacidade de ler e compreender a gramática nos textos de sua esfera cotidiana ou escolar.

## **6. Resultados e discussão**

Após o levantamento dos materiais supracitados e adoção de nosso referencial metodológico, ponderamos já estarmos aptos para realizar algumas discussões acerca dos resultados encontrados. Primeiramente, detectamos desconforto por parte dos professores no que se refere ao ensino da gramática tradicional.

Segundo o professor do colégio 01, no ensino fundamental o grande desafio é a imaturidade dos alunos. Eles não entendem muito o sentido da gramática. Uso, necessidade, aplicação diária do texto. Eles a veem como uma matéria isolada que necessita ser fixado no cognitivo somente para obtenção de notas.

O mesmo professor critica o livro didático dizendo que ele é muito isolado. Há tentativa de contextualizar o ensino, porém não conseguem o resultado esperado.

O ensino do advérbio se deu, em nossa experiência, de maneira contextualizada de acordo com a realidade do aluno, ou seja, ensinou-se a classe gramatical utilizando recursos que certificassem o aprendizado. Segundo Antunes (2014) não convém utilizar somente frases soltas para demonstrar ou exemplificar o advérbio, o ideal é que o aluno obtenha domínio da classe em sua oralidade e escrita.

Assim ao ler e escrever um texto o aluno não terá dificuldades, visto que saberá identificar o advérbio nos diversos textos impressos e orais. Desse modo, as aulas de língua

portuguesa devem ser dinâmicas e com materiais que correspondam com a realidade do aluno como: revista, jornais, contos e poemas. Como afirma Irlandé Antunes:

Convém ressaltar que uma gramática contextualizada requer, também e sobretudo, que as descrições que dela são feitas encontrem apoio nos usos reais, orais e escritos, do português contemporâneo, ou seja, nos textos que ouvimos e podemos ler na imprensa, nos documentos oficiais, nos livros ou revistas de divulgação científica etc. Implica, pois, ter como respaldo o que, de fato, pode ser comprovado nos textos que circulam aqui e ali por esse Brasil afora. (ANTUNES, 2014, p.111).

Os livros didáticos, por sua vez, apresentam a gramática de forma isolada, como uma matéria desconexa de sua função textual. Há a divisão do tema “gramática” e o tema “interpretação” o que faz com que o aluno não utilize a primeira na resolução da segunda e vice-versa. Os ensinamentos da língua, no livro didático, são tratados como assuntos desconexos o que desfavorecem o aprendizado do aluno. Reafirmamos que somente o livro didático é insuficiente para a aprendizagem do aluno.

## **7. Conclusão**

Percebemos na escola que comumente se ensina por meio de métodos antiquados, cujo valor recai mais sobre critérios da nomenclatura e decoração do que a reflexão da linguagem propriamente dita. O aluno utiliza a função da linguagem de maneira automática, porém não a compreende, não reflete sobre ela, ora por dificuldade com os nomes atribuídos, ora pela distância entre a interpretação textual e a aplicação da gramática que a descreve.

Desse modo, tanto na primeira regência quanto na segunda o intuito de trabalhar textos literários foi com o desejo de despertar a curiosidade do aluno no momento da leitura e interpretação. A capacidade compreender a presença de elementos gramaticais no texto.

O livro didático como único material, proporciona um ensino deficiente no que se refere à gramática tradicional, e também, traz um ensino descontextualizado, e se apresenta de forma desconexa dos textos de análise.

Os dois professores entrevistados mostraram desconforto ao tratar das dificuldades de se ensinar a GT e confirmam as dificuldades que os alunos encontram em seu aprendizado. A escola ainda mantém antigos paradigmas por diversos motivos como falta de verba para trazer

novos materiais e métodos. Há também a falta de entendimento de um modo geral, e a dificuldade de se desprender de antigos padrões que ainda são considerados prestigiados.

A gramática apresenta conceito e nomenclaturas difíceis de relacionar com o contexto social do aluno, em decorrência disso, o intuito é ressaltar a contextualização das classes gramaticais para o processo metodológico da aula, trazendo para a sala de aula novos materiais, assuntos em destaque, aproximando o ensino da língua a própria linguagem do aluno.

### Referências

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**”. São Paulo: Parábola, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

NEVES, Maria Helena de. **Uma visão geral da gramática tradicional**. São Paulo: Atlas, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos . **Didática** .2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.